

A manipulação em discursos antivacina: uma análise sobre as representações sociais

Manipulation in anti-vaccine discourses: an analysis of social representations

**SANTOS, LEONEL
ANDRADE DOS**
profleonelsantos@gmail.com

ARAÚJO, JÚLIO
araujo@ufc.br

PALAVRAS-CHAVE:
Manipulação discursiva;
Representações sociais;
Antivacina.

KEY-WORDS:
Discursive manipulation;
Social representations;
Anti-vaccine

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLing)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Doutor em Linguística e professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLing)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar as representações sociais construídas nos processos de manipulação do discurso antivacina durante a pandemia de Covid-19. Para isso, refletimos acerca do conceito de manipulação defendido por Breton (1999) e nos ancoramos em uma perspectiva sociocognitiva defendida por van Dijk (2012) para a análise do fenômeno da manipulação discursiva. Discutimos ainda o conceito de representações sociais defendido por Moscovici (1976) e Jodelet (2001) e nos filiamos à abordagem discursiva defendida por Irineu (2019) para nos debruçarmos sobre a análise de dois textos publicados entre os meses de dezembro de 2021 e janeiro de 2022 em redes sociais da internet. A análise nos permitiu concluir que, para manipular discursivamente por meio das representações sociais, os enunciadores lançaram mão (i) de lugar de fala privilegiado, (ii) de discursos médico, científico e religioso; (iii) de recursos hipermultimodais que buscam envolver os sujeitos em um ecossistema de desinformação; e (iv) vocabulário composto por palavras e expressões relacionadas à morte ou a outros males.

ABSTRACT: This article aims to analyze the social representations constructed in the processes of manipulation of the anti-vaccine discourse during the Covid-19 pandemic. For this, we reflect on the concept of manipulation advocated by Breton (1999) and base ourselves on the sociocognitive perspective advocated by van Dijk (2012) for the analysis of the phenomenon of discursive manipulation. We also discuss the concept of social representations defended by Moscovici (1976) and Jodelet (2001) and we join the discursive approach defended by Irineu (2021) to analyze two texts published between the months of December 2021 and January 2022 on internet social networks. The analysis allowed us to conclude that, in order to manipulate discursively through social representations, the enunciators used (i) a privileged place of speech, (ii) medical, scientific and religious discourses; (iii) hypermultimodal resources that seek to involve subjects in an ecosystem of misinformation; and (iv) vocabulary composed of words and expressions related to death or other evils.

1. INTRODUÇÃO

Os processos de manipulação instaurados a partir da produção, da distribuição e do consumo de desinformação se ancoram em questões de ordem discursiva, cognitiva e social. Essa triangulação, proposta no âmbito dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) (van Dijk, 2012), nos permite desenvolver um profícuo olhar sobre a problemática do abuso discursivo do poder alcançado pelo emprego dessa prática discursiva da desinformação. Para isso, partimos de alguns princípios norteadores que estabeleceram as análises e reflexões ora propostas, sobre os quais nos debruçamos a seguir.

Em primeiro lugar, consideramos que desinformar (i) consiste em lançar mão de um robusto recurso de manipulação composto por estratégias e conteúdos deliberadamente falsos e criados para causar danos (Wardle, 2020); (ii) compreende uma prática de linguagem empregada para mascarar fatos ao passo que valida certa descrição do real para orientar ações a serem executadas pelos sujeitos manipulados (Breton, 1999); e (iii) alcança contornos virais diante dos mecanismos de espraiamento de informações potencializados pelos múltiplos recursos disponíveis nos ecossistemas midiático-digitais contemporâneos (Posetti, 2019).

Em segundo lugar, como já anunciado, a prática discursiva da desinformação e, por conseguinte, da manipulação discursiva se dão em uma estrutura de inter-relação entre as dimensões discursiva, cognitiva e social (van Dijk, 2012, 2016). Sobre a (i) dimensão discursiva, há que se considerar que os processos de desinformação e de manipulação se constituem na linguagem por meio das multissemoses. Sobre a (ii) dimensão cognitiva, há que se levar em conta que o controle exercido ao desinformar e, conseqüentemente, ao manipular se dá, individual ou socialmente, sobre a mente dos sujeitos, especialmente no que concerne às representações so-

cialmente compartilhadas controlando assim os modelos mentais dos destinatários, os conhecimentos, as crenças e as ideologias. Por fim, sobre a (iii) dimensão social, há que se considerar que os usuários das línguas “são membros de grupos, instituições e organizações sociais, e que interagem e se comunicam com outros membros por meio do discurso” (van Dijk, 2016, p. 17). Por essa razão, deve-se lançar olhar sobre a interação social de modo geral, as estruturas sociais e as relações de poder estabelecidas.

Ancorados nesse arcabouço teórico-analítico, interessa-nos compreender como sujeitos manipulam discursivamente por meio das representações sociais nas práticas de desinformação. Para isso, lançamos olhar sobre os processos envolvidos nesse fenômeno linguageiro profunda e fatalmente empreendido durante a pandemia de Covid-19. Um dos motores para o elevado número de mortes por essa doença no mundo, especialmente no nosso país, foi a desinformação produzida e abundantemente veiculada nas redes sociais digitais. Nesse contexto, os locutores se desdobravam em desqualificar as ações de isolamento social, o uso de máscaras e a vacinação. A materialidade linguístico-discursiva repercutiu fortemente nas interações e nos contextos, enquanto toda essa dinâmica negacionista fez crescer o número de textos desinformativos que circulavam nas redes a ponto de importantes instituições como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (Posetti; Bontcheva, 2020a, 2020b) lançarem políticas de respostas à desinformação sobre Covid-19.

Posetti e Bontcheva (2020a, p. 2) alertaram para o fato de que uma circulação massiva de desinformação, a infodemia – termo empregado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) a partir do ano de 2020, poderia ser considerada como “um dos principais fatores de propagação da própria pandemia”. A afirmação infelizmente encontrou coerência nos traços da realidade: Freire (2022)¹ constatou que a desinformação produzida no país foi obstáculo para atuação de

1. A pesquisa contou com a participação de 15.132 profissionais de saúde que atuaram na linha de frente do combate à COVID-19 em 2.200 cidades do nosso país.

91% dos profissionais de saúde brasileiros entrevistados em sua pesquisa, ao passo que 76,1% desses profissionais que atuaram na linha de frente de combate à doença afirmaram ter atendido pacientes que acreditaram em alguma informação incorreta sobre a Covid-19.

Nesse contexto, objetivamos analisar as representações sociais construídas nos processos de manipulação do discurso antivacina durante a pandemia de Covid-19. Para isso, realizamos uma análise sobre dois textos que promoveram discurso negacionista sob o prisma da abordagem discursiva das representações sociais (Irineu, 2021). O corpus foi coletado no âmbito dos projetos “Desinformação que custa vidas: estruturas discursivas empregadas na produção de Fake News em contexto de pandemia” (Araújo, 2021) e também do projeto “Pandemia de covid-19: fake news, construção sócio-cognitiva da doença e discurso de ódio” (Araújo, 2021a;b)². Os textos que analisamos circularam nas redes sociais entre os meses de dezembro de 2021 e fevereiro de 2022, período de intensificação da campanha de vacinação contra a doença que causara a morte de milhares de brasileiros. Adiante, apresentamos reflexões sobre manipulação discursiva.

2. MANIPULAÇÃO DISCURSIVA

Nesta seção, discutimos acerca dos processos de manipulação produzidos nos discursos. Para isso, nos ancoramos em Breton (1999), que reflete, na perspectiva dos estudos da argumentação, acerca do emprego de técnicas de manipulação da palavra e seus efeitos sobre os vínculos sociais e a natureza da democracia. Fundamentamo-nos ainda em van Dijk (2012, 2016), que, no âmbito dos ECD, lança olhar sobre as formas comunicativas ou simbólicas de manipulação como formas de interação que envolvem abuso de poder e dominação.

Em função do objeto de nosso estudo, é preciso previamente discutirmos sobre o que é a

2. Projetos desenvolvidos no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal do Ceará (UFC) durante o biênio 2021/2022 sob a coordenação do Prof. Dr. Júlio Araújo (UFC). Teve como objetivo geral identificar as estruturas discursivas usadas em fake news produzidas no contexto da pandemia de COVID-19.

prática da manipulação discursiva e quais são os seus desdobramentos político-sociais. Breton (1999, p. 19) considera a manipulação como uma “ação violenta e restritiva que priva de liberdade aqueles a ela submetidos”, reduzindo ou tirando a possibilidade do outro discutir ou ainda resistir ao que lhe é apresentado. O autor considera ainda que a manipulação busca se camuflar de verdade por meio de uma mensagem concebida para “enganar, induzir a erro, fazer crer no que não é” (Breton, 1999, p. 20), e defende que essa prática deve ser analisada a partir das macrocategorias

- (a) **manipulação dos afetos**, em que há a sedução pela pessoa manipuladora, pelo estilo, pela estetização da mensagem, pelo recurso ao medo, pela repetição da mensagem, pela hipnose e sincronização, e pelo recurso ao toque;
- (b) **manipulação cognitiva**, em que há o enquadramento mentiroso, o reenquadramento abusivo, o enquadramento restritivo e o amálgama cognitivo.

Van Dijk (2012, p. 234), por sua vez, considera que a manipulação discursiva é uma “prática comunicativa e interacional na qual um manipulador exerce controle sobre outras pessoas, normalmente contra a vontade e o interesse delas”. Nessa perspectiva, a manipulação está atrelada ao abuso discursivo do poder orientando ações em que o sujeito manipulador exerce uma influência deslegitimada pelo discurso enquanto os receptores “são incapazes de entender as intenções reais ou de perceber todas as consequências das crenças e ações defendidas pelo manipulador” (van Dijk, 2012, p. 235). Para viabilizar um exercício analítico desses processos de manipulação, o autor propõe que o fenômeno seja analisado sob uma triangulação entre

- (a) uma **abordagem social**, que considera as condições sociais do manipulador (como a pertença de grupo, a posição político-institucional, a profissão etc.) e os recursos sociais empregados (como os meios de comunicação e mídias sociais digitais empregadas), por exemplo;
- b) uma **abordagem discursiva**, que considera o emprego de diferentes recursos textuais atrelados às estratégias de interação, aos macroatos de fala, às seleções de tópicos, às esco-

lhas lexicais, à sintaxe local, às figuras retóricas adotadas e às multissemioses empregadas, por exemplo;

c) e uma **abordagem cognitiva**, que considera a manipulação das crenças, dos conhecimentos, das opiniões, das emoções, das ideologias e das representações sociais das pessoas, manipulando consequentemente as suas ações.

A discussão proposta pelos autores parte de alguns princípios norteadores que são caros à reflexão aqui exposta acerca da manipulação discursiva:

(i) consiste em uma antiga prática interacional que, por conseguinte, não é peculiar aos tempos pós-modernos (Breton, 1999);

(ii) envolve abuso de poder e dominação mediante uma influência deslegitimada (van Dijk, 2012);

(iii) é um fenômeno social, cognitivo e discursivo cujo emprego das estratégias se dá sobre sujeitos passivos, incapazes ou com dificuldades de perceberem as intenções dos manipuladores (van Dijk, 2012);

(iv) tem a desinformação como um dos seus mais relevantes recursos (Breton, 1999).

Com base em cada um desses princípios, destacamos ainda alguns pontos que problematizam a reflexão ora proposta e que também são caras às investigações ultimamente por nós desenvolvidas, quais sejam:

(i) a prática da manipulação discursiva tem ganhado outros contornos no ecossistema digital. Os processos de produção, de distribuição e de consumo são estreitamente afetados pelas novas possibilidades de autoria e de espraiamento que as redes sociais da internet possibilitam;

(ii) a manipulação discursiva empreendida por grupos de extrema-direita tem como principal alvo a degradação das democracias e a tentativa de instauração de uma necropolítica

na atual (des)ordem política mundial. A influência deslegitimada tem produzido episódios como a invasão do Capitólio nos EUA, a potencialização dos efeitos alcançados pela instrumentalização do Estado brasileiro para instauração de um necropoder (Mbembe, 2018) durante a pandemia de Covid-19 no Brasil, e os atos golpistas promovidos na invasão à sede dos três poderes em Brasília;

(iii) as três dimensões (discurso, sociedade e cognição) envolvidas nos processos interacionais são indissociáveis. É possível, tão somente por escolhas metodológicas, lançar olhar sobre uma das dimensões envolvidas no processo de manipulação discursiva. Para a realização da análise aqui apresentada, lançamos mão da dimensão cognitiva, especialmente sobre as representações construídas nos textos produzidos no contexto da pandemia, não obstante a complexidade do fenômeno. Destacamos ainda que a pesquisa aqui apresentada se alinha à perspectiva dos ECD de van Dijk (2012) por considerar que, diferentemente do que defende Breton (1999), a dimensão afetiva envolvida na manipulação é fruto de processos mentais. Logo, é também de ordem cognitiva;

(iv) a desinformação é uma prática discursiva (Santiago; Araújo, 2022) cujo conceito é mais complexo que o de *Fake News* (Wardle, 2020), termo amplamente adotado nos primeiros estudos acerca dos processos de falseamento de informação no contexto de pós-verdade. Desinformar está muito mais atrelado às formas de produção, de disseminação e de consumo desses discursos do que a uma mensagem falsa veiculada por uma notícia.

Interessa-nos, portanto, apresentar reflexões acerca do processo de manipulação discursiva em textos de desinformação produzidos no contexto da pandemia de Covid-19 a partir de um olhar sobre as representações sociais construídas. Adiante, apresentamos alguns aspectos sobre a abordagem discursiva dessa teoria.

3. ABORDAGEM DISCURSIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Nesta seção, apresentamos reflexões acerca das representações sociais e da sua estreita relação com a manipulação discursiva. Para isso, recorreremos a conceitos desenvolvidos por Moscovici (1976) e seus principais precursores, embora nos detenhamos à abordagem discursiva das representações sociais defendida por Irineu (2011), cujas reflexões são oriundas da interface entre a Teoria das Representações Sociais (TRS) e a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2008; van Dijk, 2012).

Como muito bem mostrou Dieb (2004), a TRS tem como principal objetivo desvendar como os sujeitos compreendem um objeto particular e como simbolicamente definem as coisas no mundo. Nessa perspectiva, busca-se (i) compreender como esses sujeitos desenvolvem essa forma de conhecimento prático (as representações sociais) que os conecta ao objetos, e (ii) descrever a forma como os conhecimentos construídos são empregados para que sujeitos (inter)ajam no mundo e com os outros. Esse paradigma teórico-metodológico é empregado na compreensão do modo como os discursos são construídos e como os objetos de representação determinam as realidades dos nossos cotidianos e estabelecem as associações que nos ligam enquanto sujeitos pertencentes aos mesmos grupos sociais.

Moscovici (1976), precursor da base epistemológica das TRS no âmbito da Psicologia Social, postula que as RS se caracterizam por

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (Moscovici, 1976, p. 21).

Nessa visão, estão implicados dois relevantes pontos: (i) as RS promovem uma articulação entre duas dimensões que são visceralmente indissociáveis: a individualidade e a coletividade; e (ii) há um processo de nomeação e de classificação dos objetos do mundo na construção dos discursos. Ao nomear e classificar, torna-se o que não é familiar em familiar e cria-se um sistema de crenças, ideias e práticas que determinam as relações sociais, ou seja, que balizam a maneira como nos relacionamos com os outros e como compreendemos o mundo.

Nesse fenômeno, “a comunicação desempenha um papel fundamental nas trocas e interações que concorrem para a criação de um universo consensual” (Jodelet, 2001, p. 29-34), permitindo que os sujeitos, além de partilharem ideias, criem vínculos e estabeleçam identidades. Esse olhar sobre a linguagem, especialmente sobre o discurso, abre caminho para o desenvolvimento de outras considerações sobre as RS a partir de uma “interface entre a Teoria das Representações Sociais, no campo da Psicologia Social, e a Análise de Discurso Crítica, no campo da Linguística e da Linguística Aplicada”, conforme defende Irineu (2019, p. 14).

Para esse pesquisador (ibidem), as RS são o construto discursivo pelo qual compreendemos os objetos do mundo. Elas possuem natureza ideológica e sociocognitiva, conforme denotam os seguintes pressupostos defendidos por Irineu (2019):

a) sobre o caráter ideológico das RS, é importante considerar que as ideologias se constroem conforme os interesses e recursos de um determinado grupo social, cujos membros são movidos por sentimentos de pertença a essas congregações mediante o compartilhamento de RS e, por conseguinte, através do estabelecimento coletivo de crenças, identidades, atitudes e opiniões em relação aos objetos do mundo. Esses recursos simbólicos, aliados a outros que contribuem para identificações sociais dos sujeitos (como o sexo, a profissão, o papel social, entre outros), fazem do “material discursivo analisado uma amostra significativa do modo como [os sujeitos] organizam mentalmente as coisas do mundo” (Irineu, 2019, p. 14).

b) sobre o caráter sociocognitivo, é importante considerar que a inter-relação entre as-

pectos sócio-culturais e as estruturas linguístico-discursivas forma a produção discursiva, sendo estas também materializações das RS. Nesse sentido, Irineu (2019) aponta como exemplos de categorias analíticas as estruturas morfológicas, as construções sintáticas, os elementos semânticos e as estruturas retóricas, dentre várias outras categorias que podem submergir da análise dos dados.

Lançar mão de uma análise sobre as produções languageiras é essencial para a compreensão dos processos manipulação discursiva por meio da construção de representações sociais, já que estas “circulam e são legitimadas através da comunicação, do discurso dos sujeitos em cujo grupo são partilhadas” (Miranda, 2012, p. 46), convencionalizando objetos, pessoas ou narrativas, e, como desdobramento, prescrevendo forças que orientam condutas. Além disso, conforme aponta Irineu (2019, p. 16), “uma abordagem discursiva possibilita a compreensão da relação existente entre operações sociocognitivas e ideologias, o que de fato comprova a importância de análises dessa natureza”, permitindo, assim, o desenvolvimento de pesquisas que nos auxiliem a compreender fenômenos sociais diversos do mundo que nos cercam.

É importante, no caso aqui tratado, compreendermos como o discurso antivacina construído a partir de processos de desinformação pôs em cheque a implementação de um senso de prevenção contra Covid-19 e resultou em milhares de mortes.

Alinhados a esses princípios gerais e fincados nos pressupostos epistemológicos da Linguística Aplicada, como um campo transdisciplinar, interessa-nos analisar como determinados sujeitos compreendem a vacinação contra Covid-19 (o supracitado ‘objeto particular’) a partir da identificação das estratégias de desinformação empregadas por eles para a construção de conhecimentos (as representações sociais) que compuseram o discurso antivacina durante a pandemia de Covid-19. Acreditamos na existência de uma acentuada manipulação discursiva assentada na construção dessas representações, gerando um dos fatores determinantes para a

3. <<https://projeto comprova.com.br/about/>>.

4. <<https://lupa.uol.com.br/>>.

5. Nessa data, o Brasil contabilizava 614 mil mortos e mais de 22 milhões de infectados. Disponível em <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2021/11/26/com-303-obitos-em-24h-brasil-volta-a-ter-estabilidade-na-media-movel-de-mortes-diaras-por-covid.ghml>> Acesso em 10 abr. 2023.

6. Disponível em <<https://projeto comprova.com.br/publica%C3%A7%C3%B5es/mutacoes-da-covid-19-nao-descartam-eficacia-e-seguranca-das-vacinas/>> Acesso em 10 abr. 2023.

7. “Enganoso: Conteúdo retirado do contexto original e usado em outro de modo que seu significado sofra alterações; que usa dados imprecisos ou que induz a uma interpretação diferente da intenção de seu autor; conteúdo que confunde, com ou sem a intenção deliberada de causar dano”. Disponível em <<https://projeto comprova.com.br/about/>> Acesso em 10 abr. 2023.

8. Em 08 de dezembro de 2021.

assombrosa realidade que vivenciamos: o elevado índice de mortes no Brasil e a baixa adesão a outras campanhas de vacinação ora existentes. A seguir, analisamos os dados.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, procedemos à análise da manipulação discursiva a partir do olhar sobre as representações sociais no discurso antivacina construído no período de pandemia da Covid-19. Para isso, utilizamos dados dos referidos projetos de pesquisa, constituídos por publicações veiculadas em sites e redes sociais da internet. Os textos foram selecionados diretamente nas agências de checagem Comprova³ e Lupa⁴ e possuem os seguintes conteúdos: ineficácia da vacina contra a Covid-19, riscos causados pelo uso de máscaras, efeitos colaterais causados pelo uso da vacina e descrédito de empresa farmacêutica produtora de vacinas. Neste artigo, analisamos apenas dois textos, sobre os quais nos debruçamos a seguir, conforme as categorias de análise: (i) **identidade dos enunciadores**, (ii) **recursos hipermultimodais**, (iii) **vocabulário**, e (iv) **interdiscursividade**.

4.1. DADO 1

O primeiro dado analisado consiste em um vídeo publicado originalmente no Instagram em 26 de novembro de 2021⁵, um dia após a identificação da variante ômicron. Pelo texto, o médico nefrologista Rubens Amaral difundia a falsa informação de que vacinas contra a Covid-19 não possuíam mais eficácia em virtude das modificações sofridas pelo “coronavírus original”. Categorizado pelo Comprova⁶ como enganoso⁷, o vídeo foi replicado em outras plataformas como Twitter e WhatsApp e havia alcançado 29 mil visualizações até a data de verificação⁸. Desse modo, buscou-se construir e difundir a representação social da vacina como um método ineficaz de combate ao vírus.

Rubens Amaral, um homem cis branco com cabelos grisalhos, se autointitula cristão e “geneticista”, e informa, em sua conta do Instagram⁹, que a verdade está “sempre em primeiro lugar” e se ancora no discurso religioso por meio da frase “Deus no comando da vida”. Esses dados referentes à **identidade do enunciador** se conectam, de forma coerente, aos **recursos hiper-multimodais** empregados pelo médico: em uma sala com fundo branco e janelas de vidro, dirigiu-se ao público (i) em um plano fechado, buscando o estabelecimento de uma relação social mais próxima dos espectadores; (ii) com um olhar de demanda, estabelecendo uma forte conexão entre os envolvidos na situação de comunicação; e (iii) em uma posição hierárquica de superioridade, direcionando o seu olhar para baixo enquanto colocava os seus espectadores em um posicionamento de inferioridade. Com fisionomia sisuda e, por vezes, tocando a testa com as pontas dos dedos indicadores mandando os espectadores “pensarem um pouquinho”, Rubens Amaral produziu o seguinte discurso:

Talvez sexta, talvez sétima mutação... o vírus já modificou n vezes pra tentar sobreviver e você recebe a vacina do vírus original. Você acha que vai ficar imunizado? Pensa só um pouquinho, por favor, pensa só um pouquinho... imagina essa vacina da gripe fosse a original, a primeira que tomamos há anos atrás. Nós estaríamos todos sempre gripados, por quê... porque a vacina estaria com o vírus que já não existe mais. O coronavírus original chinês não existe mais. E que novo coronavírus? É o super super super novo coronavírus porque já se modificou n vezes. Ora.. se já se modificou n vezes, as vacinas não cobrem esse vírus. Pensa um pouquinho! Pra que ficar tomando a vacina se a vacina não pega o vírus. Bom... que façam vacinas novas. Eu desconfio muito delas né porque nós tamos vendo o número de reações adversas, mortes, miocardites, infartos, AVCs, síndrome neurológicas, guillain barré e assim por diante, né!? Mas desconfie por favor por favor desconfie que você tá tomando uma vacina de um vírus que já não existe mais. Presta atenção! Repito porque preciso repetir muito porque parece que nós estamos atordoados, anestesiados, A vacina... as vacinas que estão no mercado são vacinas para o original. Pasmé! Ele não existe mais. Se ele não existe mais, a vacina não tem efeito nele. Deu para entender? Então, passe esse vídeo pra alguém que você goste, que você ama, tá bom? Por favor... um grande abraço.

9. Disponível em <<https://www.instagram.com/dr.rubensamaral/>> Acesso em 10 abr. 2023.

Quadro 01 - Transcrição do vídeo

Fonte - Projeto FANEPAN

Observamos as seguintes regularidades no levantamento quantitativo das palavras produzidas no discurso do médico:

- > Total de palavras: 251
- > Itens lexicais mais recorrentes: vacinas (12), vírus/coronavírus (9), não (8), existe (5), mais (5), modificou (3);
- > Expressões que se destacam: [o vírus] não existe mais (5); por favor (4); pensa [só] um pouquinho (3);

O **vocabulário** empregado na construção do vídeo aponta para a centralidade do discurso em torno das palavras “vírus/coronavírus” e “vacina”. Ao construir o objeto “vírus”, o médico recorrentemente repete a estrutura “o vírus não existe mais”. Já ao construir o objeto “vacina”, o médico repete a estrutura “as vacinas não cobrem esse vírus/não pega o vírus/não tem efeito”. Com isso, em uma atitude negacionista, o profissional reforça a representação social de ineficácia atribuída à vacinação. O texto também é marcado pela falsa associação da vacina a alguns males, como “reações adversas, mortes, miocardites, infartos, AVCs, síndrome neurológicas, guillain barré”. Ainda sobre o vocabulário, destaca-se o uso de estruturas apelativas aos interlocutores que incitam o engajamento às ideias propostas, como em “Pensa só um pouquinho, por favor, pensa só um pouquinho”, “Pensa um pouquinho!”, “Mas desconfie por favor por favor”, “Presta atenção!”, “Pasme!”, e “passe esse vídeo pra alguém que você goste, que você ama, tá bom?”.

Quanto à **interdiscursividade**, destacamos que Rubens Amaral recorre ao discurso médico para validação das representações sociais sobre a vacina e sobre o vírus. Segundo Silva

(2017, p. 170), “o discurso do médico é um discurso do poder, uma vez que produz os significantes que darão valor de existência e sentido a um sintoma”. A autora (ibidem) afirma ainda que “ao discurso médico é confiado o poder na medida em que nomeia o real, o sofrimento do corpo e o horror”. No caso analisado, o médico se utiliza do seu lugar de fala e emprega uma explicação não condizente com a realidade para convencer o público de que “O coronavírus original chinês não existe mais” e de que “se já se modificou n vezes, as vacinas não cobrem esse vírus”. Ao atribuir o gentílico “chinês” ao vírus, o abuso do lugar de fala de um médico, não apenas reproduz como também distribui a perigosa xenofobia, que é uma genuína expressão do discurso de ódio. Essa estratégia discursiva se afina com o facismo cuja “linguagem, portanto, não está somente a serviço do que é útil, belo e justo. Ela pode, ao contrário, servir ao que há de mais nefasto na condição humana: o ódio por seu semelhante, visto como seu pior inimigo” (Piovezani; Gentile, (2020, p. 11). Segundo o Comprova (2021, online), “Por ser uma autoridade médica, as opiniões de Amaral são levadas em consideração por milhares de seguidores no Instagram e também por membros de grupos bolsonaristas”. Destaca-se ainda que, como constatamos, o surgimento de novas variantes do vírus não tornou a vacinação indispensável. À medida que a população foi se imunizando, o número de mortes diminuiu drasticamente. A seguir, analisamos outro texto que promoveu desinformação sobre a vacinação contra Covid-19.

4.2. DADO 2

O segundo dado analisado consiste em uma reportagem publicada em 28 de janeiro de 2022 no site “Coletividade evolutiva” e tem como título “Testes da Pfizer: todas as mães ‘vacinadas’ perderam seus bebês ainda não nascidos”¹⁰. Como tradução dos escritos de um médico canadense chamado Mark Trozzi, o texto foi publicado no dia 28 de janeiro de 2022 e gerou 72 in-

10. Disponível em <<https://www.coletividade-evolutiva.com.br/2022/01/todas-as-maes-vacinadas-perderam-seus-bebes-ainda-nao-nascidos.html>> Acesso em 11 abr. 2023.

11. Conforme a agência de checagem, a etiqueta “falso” é dada aos textos cuja informação está comprovadamente incorreta.

12. Disponível em <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/02/08/verificamos-vacina-aborto-gestantes-pfizer/>> Acesso em 11 abr. 2023.

13. Disponível em <<https://drtrozzi.org/>> Acesso em 11 abr. 2023.

14. Princípio de que não devemos fazer aos outros o que não queremos que nos façam.

15. Tradução livre de “These three rules, I recognize to be the highest: The Golden Rule, respect for the Creator, and love for the Sacred Mother Earth.”

Figura 1 - Emprego do discurso religioso

Fonte - Coletividade Evolutiva

terações no Facebook até a data da verificação. Embora seu conteúdo tenha sido checado onze dias depois e rotulado como “falso”¹¹ pela Lupa¹², o texto promoveu forte desinformação por não apresentar evidências de que todas as mulheres imunizadas com a vacina da Pfizer sofreram abortos, construindo, portanto, uma representação social da vacina como uma assassina de bebês.

Mark Trozzi, homem cis, branco, canadense, classifica-se como “honesto, ético, médico” na sua página¹³, embora tenha sido suspenso por autoridades da saúde do seu país por conceder isenções de uso de vacina contra Covid-19 e de máscara durante a pandemia. O médico afirma que reconhece as seguintes regras como as mais elevadas: “A Regra de Ouro¹⁴, respeito pelo Criador e amor pela Sagrada Mãe Terra”¹⁵. Esses dados referentes à **identidade do enunciador** corrobora os movimentos de **interdiscursividade** no texto. Adiante, analisamos alguns fragmentos do texto.

Uma postagem do Dr Mark Trozzi de 23 de novembro de 2021 intitulada “A FDA e a Pfizer são uma combinação feita no inferno”, revela como essa agência reguladora FDA dos Estados Unidos levou apenas 108 dias para aprovar a injeção da Pfizer, mas queria 55 anos para revelar os documentos!

Aqui está um excelente artigo do Life Site News que se aprofunda mais sobre essas revelações chocantes. LifeSite News dá alguma folga à Pfizer sobre os 5 “resultados pendentes”, o que cria a possível impressão de que 87,5% dos bebês das mulheres injetadas morreram. Com todo o respeito ao LifeSite, sinto-me correto em não contar os 5 “resultados pendentes” e, portanto, chegar à conclusão de que 100% dos bebês não nascidos morreram nas mulheres injetadas para as quais os resultados são apresentados.

Nos trechos analisados, identificamos uma estreita relação com os discursos religioso e científico para a construção da representação sobre a vacina. Na figura 1, o autor relaciona a FDA¹⁶ e a Pfizer ao inferno, buscando atrelar uma imagem anti-cristã a essas instituições nesse estabelecimento da dinâmica interna da construção do seu discurso. Essa mesma imagem construída se relaciona à recorrente utilização da palavra morte durante o texto. Já na Figura 2, percebemos outro discurso recorrentemente aludido no texto: o científico. O autor emprega dados estatísticos oriundos de uma leitura subvertida sobre dados de um relatório emitido pela Pfizer. Para o autor, “100% dos bebês não nascidos morreram nas mulheres injetadas”, sendo que, conforme verificação realizada pela Lupa¹⁷ (2022, *online*), “Mulheres grávidas não participaram de testes clínicos dos imunizantes.” Destacamos ainda um recurso amplamente empregado pelo autor na construção do texto: a presença de doze hiperlinks com referências a outros textos que levam o leitor a outros artigos publicados no site oficial do Dr. Mark Trozzi ou a outros sites vinculados a ideais negacionistas. O excesso de informações presentes nestes links se manifesta como uma estratégia de um verniz social de credibilidade para que o projeto de manipulação discursiva aconteça, de modo que enfraqueça a adesão das massas ao processo de vacinação. Assim, esses movimentos interdiscursivos, juntos com o emprego dos recursos **hipermultimodais**, colaboram fortemente para a instauração de uma manipulação discursiva.

Figura 2 - Emprego do discurso científico

Fonte - Coletividade Evolutiva

16. Food and Drug Administration (FDA) é uma agência reguladora vinculada ao departamento de saúde do governo americano.

17. Disponível em <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2022/02/08/verificamos-vacina-aborto-gestantes-pfizer/>> Acesso em 12 abr. 2023.

Enfim, sobre o **vocabulário** empregado no texto, destacamos a recorrência dos seguintes dados:

> Total de palavras: 934;

>Itens lexicais mais recorrentes: morte/morreram /mortos (11), bebê (7) e aborto(s) (8), gestações (7) e vacina/vacinada (5).

Observamos o predomínio de itens lexicais relacionados à temática do aborto, com a predominância de termos como gestação, morte, bebê e a própria palavra aborto. Percebe-se um esforço para atrelar o uso de vacina à morte de bebês, ação recorrente na guerra cultural empreendida nas bolhas de extrema direita durante o processo de vacinação. Destacamos isso na frase “Eles estão matando bebês” seguida da pergunta dirigida ao leitor: “O que podemos fazer?”. Por fim, lançamos olhar sobre o último parágrafo do texto.

Figura 3 - Interpelação aos leitores

Fonte - Coletividade Evolutiva

Há pelo menos cinco milhões de canadenses e bilhões de cidadãos globais que resistiram às injeções. Nós, assim como muitas vítimas de injeção coagida que estão acordando com remorso de comprador, devemos ser o exército que impede isso e devolver os direitos humanos e cuidados de saúde reais à nossa sociedade.

Assim como se pôde observar no vídeo analisado neste artigo, há uma forte apelação aos leitores para que unam força e resistam por meio do compartilhamento de informações contra as vacinas. No trecho apresentado na figura 3, o autor afirma que há bilhões de cidadãos resistentes à vacina e que os seus interlocutores devem “ser o exército” que impediria o processo de imunização, como se estivéssemos de fato em uma guerra informacional. A militarização de

sua linguagem evoca a falácia de que apenas o exército pode salvar as pessoas, o que, no caso brasileiro, ressoa com o discurso dos extremistas solicitando o retorno da ditadura militar no Brasil. Não obstante a circulação da desinformação, como bem sabemos, todo o esforço de vacinação salvou milhares de vidas em todos os países.

Dos discursos analisados nesta seção, emanam, portanto, as seguintes representações sociais sobre as vacinas contra Covid-19: a primeira, diz respeito à ideia de que a vacina é ineficaz para combate ao vírus “chinês” que, segundo o médico, já não existia mais; a segunda, diz respeito à crença de que a vacina é produto de empresas anticristãs e promovia o aborto de bebês. Na seção a seguir, apresentamos as considerações finais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo teve como objetivo analisar as representações sociais construídas nos processos de manipulação do discurso antivacina durante a pandemia de Covid-19. Para isso, analisamos dois textos que promoveram desinformação acerca da vacinação durante o período de novembro de 2021 e janeiro de 2022, época em que se buscava alcançar a imunização em massa da população brasileira. A partir da análise sobre as representações sociais do objeto “vacinação”, chegamos às seguintes conclusões:

- a) a identidade social dos enunciadores contribui sobremaneira para o processo de validação do discurso antivacina construído nos textos analisados. O lugar de fala dos sujeitos estabelece uma forte relação de poder: o discurso proferido por médicos, homens cis e brancos legitimam as teses defendidas, por mais absurdas que elas sejam;

- b) os enunciadores empregam um vocabulário composto por palavras ou expressões que negam a eficácia da vacina e relacionam os imunizantes à morte ou a outros males. Além disso, os médicos conclamam seus interlocutores a multiplicarem o discurso negacionista;
- c) os recursos hipermultimodais, como gestos exasperados e uso exabundante de hiperlinks que conectam o leitor a um ecossistema negacionista digital, potencializam e/ou validam a representação social negativa sobre as vacinas nas redes sociais e fora delas;
- d) os sujeitos entrecruzam discursos médico, científico e religioso como um mecanismo de sustentáculo para construção da representação social sobre a vacina. Por um lado, os enunciadores se ancoram em falsos dados médicos e científicos. Por outro, o enunciador do segundo texto busca atrelar as instituições responsáveis pela vacina ao inferno.

Como bem salienta Jodelet (1991, p. 34), as RS envolvem “múltiplos processos que concorrem para a sua elaboração e consolidação como sistemas de pensamento que sustentam as práticas sociais”. Nessa perspectiva, podemos concluir que as representações sociais empregadas para a construção de um equivocado sistema de conhecimentos e crenças negacionistas sobre a vacina contra Covid-19 promoveram manipulação discursiva, esta considerada como um mecanismo de controle através do qual os sujeitos manipulados se tornam incapazes de compreenderem as consequências das crenças construídas (van Dijk, 2012). Muitas vezes, esses sujeitos passaram a agir também como vetores de desinformação e do negacionismo por meio de compartilhamentos e produção de novos discursos, ou quando pior, se esquivaram da vacinação e contraíram o vírus.

REFERÊNCIAS

- Araújo, J. (2021a). *Desinformação que custa vidas: estruturas discursivas empregadas na produção de Fake News em contexto de pandemia* [Projeto de pesquisa]. Universidade Federal do Ceará.
- Araújo, J. (2021b). *Pandemia de covid-19: fake news, construção sócio-cognitiva da doença e discurso de ódio* [Projeto de pesquisa]. Universidade Federal do Ceará.
- Breton, P. (1999). *A manipulação da palavra*. Edições Loyola.
- Dieb, M. (2004). *Educação infantil e formação docente: um estudo em representações sociais* [Dissertação de Mestrado em Educação]. Universidade Federal do Ceará.
- Fairclough, N. (2008). *Discurso e mudança social* (2ª ed). Editora Universidade de Brasília.
- Freire, N. P. (2022). *Infodemia relacionada à Covid-19 e seus impactos para os trabalhadores da saúde no Brasil* [Dissertação de Mestrado em Enfermagem]. Universidade Federal de São Paulo.
- Jodelet, D. (2001). *As representações Sociais*. EdUERJ.
- Irineu, L. M. (2019). Abordagem discursiva das representações sociais: sistematização de um construto teórico-metodológico. *Mandinga – Revista de Estudos Linguísticos*, 03 (01), 8-18.
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica* (3a ed). N-1 edições.
- Miranda, C. A. A. de. (2012). *Abordagem ideológica da representação social de professores universitários sobre a formação de docentes de E/LE* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Ceará.
- Moscovici, S. (1976). *A representação Social da Psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Zahar editores.
- Posetti, J., & Bontcheva, K. (2020a). *Desinfodemia: decifrar a desinformação sobre a COVID-19*. UNESCO.
- Posetti, J., & Bontcheva, K. (2020b). *Desinfodemia: dissecar as respostas à desinformação sobre a COVID-19*. UNESCO.
- Posetti, J. (2019). Transformação da indústria de notícias: tecnologia digital, redes sociais e disseminação da informação incorreta e desinformação. In: J. Posetti, & C. Ireton, *Jornalismo, Fake News & Desinformação: Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo*. UNESCO.
- Santiago, A. H. R., & Araújo, J. (2022). Prática discursiva de desinformação. *Linguagem em Foco*, 14, 49-67.

ARTIGO RECEBIDO A
17/04/2023
ARTIGO APROVADO A
09/07/2023

Silva, A. B. H. C. da. (2017). O discurso do analista como possibilidade da Psicanálise Aplicada no hospital. *Rev. SBPH*, 20 (2), 166-187.

Wardle, C. (2020). *Entender a desordem informacional*. First Draft. https://firstdraftnews.org/wp-content/uploads/2020/07/Information_Disorder_Digital_AW_PTBR.pdf?x75440

Van Dijk, T. A. . (2016). Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. *Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS*, 9 (esp. supl.), 8-29.

Van Dijk, T. A. (2012). *Discurso e Poder*. Contexto.

